

03-09-2021

SÉRGIO MACACO (I)

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Sérgio Macaco* foi um herói nacional invisível. Em 1968, na ditadura militar, o Capitão-Paraquedista Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho da Força Aérea Brasileira (FAB) impediu um ato de terrorismo do Estado brasileiro no qual o Brigadeiro Burnier planejava o genocídio de cerca de 100 mil pessoas. O plano visava exterminar o comunismo no Brasil através de atentados a bombas fazendo a culpa recair na esquerda para atrair apoio da opinião pública à perseguição aos comunistas e endurecimento do regime. As bombas seriam explodidas em série, na cidade do Rio de Janeiro no horário de *rush* (18 h), na Sears [Loja de departamentos muito frequentada onde hoje funciona o Shopping Botafogo], no Citibank e na Embaixada Americana [estas no Centro]. Opositores do regime como Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek-JK e Dom Helder Câmara, seriam sequestrados e lançados de avião no oceano.

O '*gran finale*' seria a explosão do Gasômetro do Rio de Janeiro [fornecedor da rede de gás; hoje desativado] e da represa de Ribeirão das Lajes [fornecedora de energia elétrica]. O Capitão Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho (Rio de Janeiro, 17/07/1930 - 05/02/1994), na asquerosa reunião de 14/06/1968, colocando o respeito à vida acima da hierarquia militar, recusou-se junto com a equipe do Para-Sar (*assistente*), a executar as ordens do Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier:

Não. Não concordo. E enquanto eu estiver vivo isso não acontecerá. (...)

Não me calo e darei conhecimento de tais fatos ao ministro.

O NÃO do Capitão Macaco ao atentado terrorista da ditadura militar seguiu-se ao 'monólogo' de Burnier, diante de 40 oficiais do Para-Sar:

Quem aqui já matou gente? E quem garante que será capaz?

Ninguém, não é? É claro que, para matar em tempo de guerra, é preciso ter treinamento para matar em tempo de paz. A pessoa precisa ter certeza de que a mão não vai tremer na hora da verdade...

Há a necessidade de sentir na boca o gosto de sangue [...]

Este foi o ápice de recusas do Capitão em conversas nas quais Burnier procurava doutriná-lo e cooptá-lo para atos de extermínio de comunistas: lotando um avião e lançando-os ao mar.

O Capitão Macaco - que estava informado das atividades de espionagem e repressão violenta de integrantes do Para-Sar, com identidades falsas, nos movimentos estudantis de 1968 - resistiu às investidas de Burnier subindo o tom da recusa a cada tentativa (*veja*).

O Para-Sar [Para de paraquedistas+Sar de *Search and Rescue* - busca e salvamento], criado em 1959 com a ajuda de Sérgio Macaco, é uma unidade de busca e salvamento da FAB em regiões de difícil acesso.

Burnier - expoente da extrema-direita brasileira - criou o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica, vinculado ao Serviço Nacional e Informações-SNI, órgão de espionagem e repressão da ditadura. Ou seja, na 'hierarquia' dos Direitos Humanos, Sérgio Macaco ocupa lugar de destaque.

E Burnier destaque na galeria da escória humana.

Burnier e seus seguidores atuais não têm lugar em uma democracia.

Sérgio Macaco abortou o Atentado do Gasômetro (*Caso Para-Sar*).

O conhecido viaduto do gasômetro é oficialmente designado "Viaduto Capitão Sérgio de Carvalho (Sérgio Macaco)" em sua homenagem.

Quantos de nós (familiares, amigos), cariocas, fluminenses e de outros estados, na movimentada Avenida Brasil das 18 horas, fomos salvos pelo Capitão? Quantos de nós passamos diariamente por esta placa?



<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/capitao-sergio-macaco-gasometro-21984362>

O Atentado do Gasômetro foi veiculado na imprensa, inquéritos abertos e os relatos do Capitão foram confirmados pelas testemunhas (37 cabos e sargentos do Para-Sar). Burnier morreu em 2000 com 80 anos negando as denúncias e afirmando que tudo não passou de "insubordinação e rebeldia" de Macaco (*veja*). Macaco foi preso, respondeu a processos na FAB, SNI, Ministério da Justiça, Supremo Tribunal Militar e também de Burnier.

Foi absolvido em todos. Como punição ao ato de extrema humanidade foi transferido para Recife e compulsoriamente reformado pelo AI-5 em 29/06/1969. Quando editada a Lei da Anistia em 1979, o Capitão recusou o benefício por considerar não poder ser perdoado por crime não cometido (*veja*). Permaneceu firme na intenção de reintegração às Forças Armadas,

mudança de patente e recebimento de soldos atrasados. Enquanto pleiteava na justiça comum, Sérgio Macaco integrou a Assembleia Constituinte como suplente de deputado federal (1986). Macaco foi vítima também da lentidão da justiça (cerca de 25 anos), apesar de contar com importantes aliados, como o Brigadeiro Eduardo Gomes que chegou a interceder junto ao Presidente Geisel. Aliados que ponderaram riscos à estabilidade do regime militar (*veja*). Mesmo na abertura, teriam receio de 'manchar' a memória dos homens de bem (*Virna*, 02/06/2020) que envergonham a lembrança dos brasileiros (*Lyra*, 16/11/2020). O STF emite decisão em 1992 determinando sua reintegração à reserva no posto de brigadeiro, não cumprida pela Aeronáutica, que transfere a responsabilidade ao presidente Itamar Franco, o qual também protela o cumprimento. O "Brigadeiro Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho" não chegou a ver seus pleitos atendidos até sua morte aos 63 anos em 05/02/1994. Foi enterrado no Cemitério do Caju sem honras militares. Seis dias após sua morte, um decreto presidencial lhe devolve os direitos usurpados pela distorção de valores que minam mentes perturbadas pelo fascínio do poder fascista.

O país, que deveria render homenagens a Macaco, concedeu à família** (em 1997), em soldos e vantagens pecuniárias, o montante de R\$ 82.907,15 (*Jornal do Magistrado*, 2002, p.5). O legado do Capitão aos brasileiros não termina aqui. Sua coragem, ética, defesa dos Direitos Humanos alcançaram recantos isolados de nossas matas nas ações de resgate do Para-Sar...

Sua vida continua em Sérgio Macaco (II) ... ■ ■ ■

Notas:

*Apelido da juventude no basquete.

**Foi casado com Sônia Maria Thedim. Casualmente, ela compartilha com Carlos Minayo-Gomez a autoria do clássico texto "A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas" (*CSP*, 1997) e, também representou o CESTEJH na secretaria executiva da [1ª Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores](#) em 1986.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.